

A *trollagem* na política brasileira: efeitos de humor no discurso da extrema direita sobre a comunidade LGBTQIA+

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v52i3.3617>

Myllena Nascimento¹
Carlos Piovezani²

Resumo

Este trabalho pretende analisar alguns aspectos do funcionamento da *trollagem* no discurso político da extrema direita brasileira sobre a comunidade LGBTQIA+. Para tanto, em razão de sua ampla repercussão e de sua condição de amostra bastante ilustrativa do fenômeno pelo qual nos interessamos, elegemos como objeto de nossa análise um pronunciamento do deputado federal Nikolas Ferreira (Partido Liberal), realizado sintomaticamente no dia 08 de março de 2023. Considerando sua inscrição em certo limiar entre o humor e o discurso de ódio e sua circulação digital, buscaremos identificar, descrever, categorizar e interpretar importantes propriedades da prática da *trollagem* direcionada à comunidade LGBTQIA+, a produção de seus efeitos e a materialização de seus afetos. Além disso, indicaremos algumas das possíveis mutações discursivas que a *trollagem* parece promover em modos de dizer do discurso de ódio no campo político. Com vistas a alcançar esses objetivos, nosso trabalho se fundamentará nos postulados, noções e procedimentos da Análise do discurso de linha francesa e em aportes do pensamento de Michel Foucault sobre a ordem do discurso.

Palavras-chave: *trollagem*; discurso político; extrema direita; comunidade LGBTQIA+.

1 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; myllenaaraujonascimento@gmail.com; <https://orcid.org/0000-0001-7480-9265>

2 Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, São Paulo, Brasil; cpiovezani@ufscar.br; <https://orcid.org/0000-0002-3612-983X>

Trolling in Brazilian politics: a discursive analysis of humor effects in far-right discourse addressed to the LGBTQIA+ community

Abstract

This work intends to analyze some aspects of the functioning of trolling in the political discourse of the Brazilian far-right about the LGBTQIA+ community. To this end, due to its wide repercussion and its condition as a very illustrative sample of what interests us, we chose as the object of our analysis a pronouncement by federal deputy Nikolas Ferreira (Liberal Party), symptomatically carried out on March 8th, 2023. Considering its inclusion in certain limits between humor and hate speech and its digital circulation, we will seek to identify, describe, categorize and interpret important properties of the practice of trolling directed at the LGBTQIA+ community, the production of its effects and the materialization of its affections. In addition, we will indicate some of the possible discursive changes that trolling seems to promote in ways of saying hate speech in the political field. With a view to achieving these objectives, our work will be based on the postulates, notions and procedures of French Discourse Analysis and on contributions from Michel Foucault's thought on the order of discourse.

Keywords: trolling; political discourse; far-right; LGBTQIA+ community.

Introdução

Em pesquisa anterior, já nos dedicamos a uma análise discursiva do uso da *trollagem* no contexto político eleitoral brasileiro contemporâneo e de suas condições históricas de emergência, focalizando seu lugar no limiar entre humor e discurso de ódio, sua materialização em certos gêneros e suas propriedades e efeitos na construção da virilidade dos enunciadores, de sua homofobia e de sua xenofobia (Nascimento, 2022). Assim, analisamos a emergência, o funcionamento, a caracterização e os sentidos da prática da *trollagem* política no contexto brasileiro mediante um exame discursivo, sobretudo, de memes políticos, mas também de algumas falas e gestos públicos. O contexto imediato das condições históricas de produção dos enunciados analisados abrangeu o período que se estendeu do início da campanha presidencial de 2018 até o final do terceiro ano do mandato de Jair Bolsonaro na presidência da República e compreendeu um conjunto de dados produzidos por políticos, porta-vozes e adeptos da extrema-direita brasileira, veiculados nas redes sociais bolsonaristas e em diversos veículos da mídia nacional.

Com base nas categorizações e classificações da agressividade verbal no discurso político brasileiro, desenvolvidas por Chiari (2021), nossas análises identificaram um alto grau de agressividade no funcionamento discursivo da *trollagem* na política brasileira. Considerando estas variáveis da agressividade, “controle”, “pureza” e “intolerância”, concluímos que os memes, as falas e os gestos analisados se caracterizam

majoritariamente pelo descontrole, pela pureza e pela intolerância. Em que pese esse alto grau de agressividade nas três materialidades analisadas, identificamos uma diferença e uma hierarquia entre elas, pois as falas públicas materializaram uma agressividade ainda mais explícita do que os gestos públicos e os memes políticos. Nessas falas, a presença de um manifesto discurso de ódio e de excessos na produção de um humor bastante agressivo e as ausências de efeitos de atenuação ocorreram de forma muito frequente e intensa. Além disso, há uma quebra de expectativa com tais presenças e ausências em falas públicas pelo fato de estas serem, historicamente, mais polidas do que os textos de gêneros mais propensos ou destinados à produção do humor.

Essas constatações gerais sobre a dimensão discursiva da *trollagem* política não correspondem a um apagamento das diferenças que ela produz sobre os sujeitos de uma sociedade. Como um dos resultados de nossa pesquisa, identificamos uma série de diferenças no modo como sujeitos de classes e grupos sociais diversos são afetados pela *trollagem*, mediante o exame de alguns aspectos de sua recepção em enunciados que a replicaram, que lhe responderam ou que a refutaram.

Em relação às formas de agressividade, distinguimos no funcionamento da *trollagem* cinco categorizações. São elas: ridicularização ou repreensão da fala do outro; alusões ou insinuações feitas por uma fala de si para desqualificar o outro; ataques diretos e repetições enfáticas relacionadas à moral ou à conduta do oponente; ironias ríspidas e derrisões; e, por fim, estigmatizações que conferem propriedades animais aos insultados, que hiperbolizam determinadas características físicas e que fazem referência a aspectos escatológicos (Nascimento, 2022).

Desse modo, a intensidade e a recorrência da *trollagem* sob essas diversas formas de uma intensa agressividade verbal nos mostram o quanto essa prática vem produzindo mutações e descontinuidades no discurso político brasileiro e o quanto essa estratégia discursiva tem sido essencial para a constituição estética da extrema direita, principalmente em relação ao uso do discurso de ódio sob o véu da pretensa inocuidade humorística. Por consequência, essa estratégia produz discursos que operam com o intuito de ridicularizar o inimigo político e de perseguir sujeitos que são historicamente colocados à margem da sociedade, como a comunidade LGBTQIA+³.

Para o desenvolvimento de nossos trabalhos sobre a *trollagem* no campo político, temos estabelecido como um de nossos pontos de partida o modo como Lamerichs *et al.* concebem essa noção. Conforme postulam esses autores, a *trollagem* não pode ser reduzida somente a um “ato de postar mensagens e memes de ódio”, mas deve ser, antes, entendida “como um fenômeno mais amplo por meio do qual os usuários

3 A sigla LGBTQIA+ faz referência a lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais, *queer*, intersexuais, assexuais e outras orientações sexuais e identidades de gênero.

se envolvem em um comportamento influente e tóxico" (2018, p. 182-183, tradução própria⁴). Nestes termos, a *trollagem*, na ordem do discurso político e sob a aparência de um discurso humorístico e inofensivo, viabiliza uma escalada de discursos autoritários e conservadores, provocando uma significativa modificação do uso do humor no cenário político e fomentando o recrudescimento de discursos de ódio direcionados a determinados grupos sociais.

Segundo certos parâmetros, alguns autores postulam que o arquivo do discurso político era mais ou menos homogêneo até as eleições presidenciais de 1998 (Sargentini, 2015). Nos últimos vinte anos, entretanto, uma série de fatores, das mais diversas ordens, perturbaram esta homogeneidade: o atentado sofrido pelos EUA em setembro de 2001 e o crescimento de uma visão bélica do mundo e de um regime de vigilância redobrada, a popularização da internet e o intenso uso das redes sociais pelos sujeitos políticos e, mais recentemente, a ascensão da extrema direita e a proliferação das *fake news* em várias partes do mundo acabaram por produzir transformações de vários tipos e graus na ordem do discurso político.⁵

A utilização relativamente frequente de um humor agressivo no discurso político foi um dos aspectos dessas suas recentes transformações. O humor é uma característica importante das relações sociais nas mais diversas sociedades humanas e os registros de seus papéis e funcionamentos no chamado mundo ocidental remontam ao menos até a Grécia Antiga. Souza (2017) afirma que, historicamente, uma das principais marcas do humor é a transgressão, ou seja, o confronto das condutas de boa convivência partilhadas no âmbito social. No entanto, a despeito desta condição geral, "o modo como o humor será interpretado depende do contexto sócio-histórico em que ele se apresenta: aquilo que é banalizado em determinada época pode chocar em outra (ou o contrário)" (Souza, 2017, p. 23). Assim, da mesma maneira que outros traços sociais, a linguagem humorística mantém, em diferentes condições históricas de produção, algumas continuidades discursivas, mas também vem sofrendo modificações e até mesmo rupturas, que são responsáveis pela emergência de novas formas de humor e apropriação de suas práticas discursivas por novos sujeitos sociais. No âmbito do espaço público, particularmente, nas democracias representativas modernas, os atores políticos vêm se beneficiando da possibilidade de usar o discurso humorístico na produção de efeitos de aproximação e de distanciamento com a população/eleitorado e de crítica e ataque a seus adversários políticos.

4 No original: "not only as an act of posting hateful messages and memes, but as a wider phenomenon through which users engage in influential, toxic behavior".

5 Fazemos aqui uma distinção entre a direita moderada/*mainstream*, que prevaleceu no sistema político brasileiro desde a redemocratização e que tem como principal característica a defesa da economia de mercado; e a direita radical/extrema direita, que se sobrepôs após a vitória de Jair Bolsonaro nas eleições de 2018 e que pode ser caracterizada como tendo uma perspectiva econômica neoliberal, pautas conservadoras e interferência do estado em escolhas privadas dos cidadãos, além de aversão ao sistema político e perseguição aos opositores (Santos; Tanscheit, 2019).

Apesar da possível impressão de que os enunciados humorísticos sempre foram frequentes no campo político, derivada de sua constância nos discursos da política contemporânea, a presença mais marcante do humor em discursos desse campo, em particular, de um humor ríspido, tal como encontramos em vários enunciados da *trollagem*, é fenômeno relativamente recente. Isso porque a graça e o riso demoraram para conquistar um espaço relevante em seu interior, em razão de certo desencontro entre a seriedade da política e a diversão do humor. Uma das regras desse campo consiste justamente no tratamento não sério dos fatos (Possenti, 2020). No cenário político eleitoral brasileiro, pode-se dizer que assistimos a uma sensível modificação em relação ao que era mais ou menos regular até então nas campanhas presidenciais na eleição de 2014: um uso intenso das redes sociais.

Entre as campanhas de 2014 e 2018, entretanto, assistimos ainda a uma considerável ampliação e intensificação na recorrência e no grau de agressividade do humor. Isso porque, nesse meio tempo e particularmente nas eleições de 2018, o humor agressivo empregado como materialização do discurso de ódio esteve cada vez mais presente no campo político, sobretudo, em contexto eleitoral. Em boa medida, esse elevado grau de agressividade no cenário político eleitoral brasileiro ora com ora sem humor produzia uma “desqualificação do outro por meio de ataques, provocações, ameaças e acusações diretas” (Chiari, 2021, p. 38). Assim, o humor, nas atuais democracias competitivas e fragilizadas, como é o caso brasileiro, vem-se apresentando particularmente agressivo, promovendo, sobretudo, a polarização e a depreciação do oponente (Georgalidou, 2011). É esse tipo de humor agressivo com marcante e variada carga afetiva de ódio, regularmente utilizado pelos partidários da extrema direita em diversas partes do mundo, que caracteriza a *trollagem*.

Conforme dissemos, nossa proposta pretende analisar alguns aspectos do funcionamento da *trollagem* no discurso político da extrema direita brasileira sobre a comunidade LGBTQIA+. Para tanto, em razão de sua ampla repercussão e de sua condição de amostra bastante ilustrativa do fenômeno pelo qual nos interessamos, elegemos como objeto de nossa análise um pronunciamento do deputado federal Nikolas Ferreira (Partido Liberal), realizado sintomaticamente no dia 08 de março de 2023, Dia Internacional da Mulher. Considerando sua inscrição em certo limiar entre o humor e o discurso de ódio e sua circulação digital, buscaremos identificar, descrever, categorizar e interpretar importantes propriedades da prática da *trollagem* direcionada à comunidade LGBTQIA+, a produção de seus efeitos e a materialização de seus afetos. Além disso, indicaremos algumas das possíveis mutações discursivas que a *trollagem* parece promover em modos de dizer do discurso de ódio no campo político. Com vistas a alcançar esses objetivos, nosso trabalho se fundamentará nos postulados, noções e procedimentos da Análise do discurso de linha francesa e em aportes do pensamento de Michel Foucault sobre a ordem do discurso. As análises desse *corpus* confirmam a nossa hipótese de que a prática discursiva da *trollagem* política vem promovendo algumas mutações discursivas em modos de dizer do discurso de ódio na esfera política, fomentando o recrudescimento de discursos agressivos direcionados a determinados sujeitos sociais.

Fundamentação teórico-metodológica

Nossa fundamentação teórico-metodológica provém da Análise do discurso de linha francesa, derivada do filósofo Michel Pêcheux, além da contribuição do pensamento de Michel Foucault para os estudos do discurso. Dito isto, empregaremos, neste artigo, um procedimento já bastante bem constituído na AD, a saber, o estabelecimento de relações de equivalência e de encadeamento entre os enunciados dos textos e entre os textos do *corpus* e suas condições de produção. Essas relações são empreendidas mediante a identificação e montagem de cadeias parafrásticas, que se situam no interior das formações discursivas e que nos permitem depreendê-las. Serão ainda consideradas as relações entre as distintas formações discursivas identificadas, que, por seu turno, estão articuladas a diferentes condições de produção do discurso e às posições de seu enunciador, neste caso, o deputado federal Nikolas Ferreira.

As formações discursivas determinam o que se diz e os modos do dizer e se constituem como matrizes da produção do sentido. Em suma, a polissemia constitutiva da linguagem é passível de ser interpretada a partir da identificação das paráfrases construídas pelo discurso em suas diversas condições de produção. Aqui, os textos são concebidos como unidades que permitem ao analista ter acesso à constituição histórica dos discursos. Além de sua constituição, examinaremos a formulação e a circulação dos trechos a serem analisados. O exame do modo como esses enunciados são formulados buscará identificar suas seleções lexicais, seus encadeamentos sintáticos, suas modalidades enunciativas, a ordenação de suas partes e a construção textual de seus referentes por meio de diversas formas remissivas. A conjunção entre a retomada de já-ditos do interdiscurso e o emprego desses referidos recursos na formulação discursiva dos enunciados dos trechos analisados incide na produção de determinados efeitos de sentido e na construção das imagens e das relações entre os interlocutores.

Já a circulação discursiva também será considerada com base nos desenvolvimentos da AD sobre esse plano, tal como em Orlandi (2001), e em suas articulações com estudos consagrados à difusão da *trollagem* como elemento constitutivo da estética da extrema direita. A análise de elementos da constituição, da formulação e da circulação dos enunciados da *trollagem* política contemplará ainda a dimensão afetiva materializada em seus discursos, de acordo com conjunção entre a AD e a História das sensibilidades, tal como proposta por Piovezani, Curcino e Sargentini (2023).

Nessa abordagem discursiva da *trollagem* da extrema direita, empregaremos ainda aportes do método arqueológico e das reflexões de Michel Foucault sobre a ordem do discurso. O filósofo francês postula que para a análise dos enunciados deve se considerar quatro elementos da função enunciativa: o referencial, a posição-sujeito, o campo associado e a existência material. Postas essas quatro características da função enunciativa, a descrição dos enunciados examina a construção de seu referente e sua relação com um

domínio de objetos, o jogo de posições possíveis para um sujeito do discurso, a inscrição de seu dizer num campo de coexistência e sua materialidade repetível. No pensamento foucaultiano, o discurso é marcado pela raridade, pois é “o conjunto sempre finito e efetivamente limitado das únicas sequências linguísticas que tenham sido formuladas”. Ante essa condição rara do discurso, nos cabe formular e responder à seguinte questão: “como apareceu um determinado enunciado, e não outro em seu lugar?” (Foucault, 2016, p. 31). Por sua vez, esses raros enunciados que são efetivamente ditos devem ser concebidos como “monumentos”, de modo que a análise arqueológica dos discursos interrogue “a linguagem, não na direção a que ela remete, mas na dimensão que a produz” (Foucault, 2016, p. 129). Em sua reflexão sobre a discursividade, Foucault indica a existência da separação entre os enunciados que serão mais ou menos conservados e aqueles que serão mais rapidamente esquecidos. Os graus diversos de dizibilidade, conservação, validade, reativação e apropriação estão contemplados na definição que Foucault consagrou à noção de arquivo, que consiste num conjunto de regras que, numa época dada e por uma sociedade determinada, definem:

- os limites e as formas da dizibilidade: de que é possível falar? O que foi constituído como domínio do discurso? [...]
- os limites e as formas da conservação: quais são os enunciados destinados a passar sem vestígio? Quais são os que são destinados, ao contrário, a entrar na memória dos homens)? [...] – os limites e as formas da memória tal qual ela aparece nas diferentes formações discursivas: quais são os enunciados que cada um reconhece válidos ou discutíveis, ou definitivamente invalidados? [...]
- os limites e formas de reativação: entre os discursos das épocas anteriores ou das culturas estrangeiras, quais são os que retemos, que valorizamos, que importamos, que tentamos reconstituir? [...]
- os limites e as formas de apropriação: quais indivíduos, quais grupos, quais classes têm acesso a tal tipo de discurso? (Foucault, 2010, p. 10).

Assim, utilizaremos em nossas análises os pressupostos teóricos e os procedimentos analíticos discutidos ao longo dessa seção a fim de atingirmos os nossos objetivos. Teceremos, na próxima seção, algumas considerações sobre as principais características socio-históricas e discursivas da trollagem, além do caminho que a prática percorreu desde a *web* até a sua inserção no discurso político.

A emergência da *trollagem* no discurso político da extrema direita brasileira⁶

A *trollagem* é uma das formas típicas de materialização dos discursos de ódio que produzem efeitos de humor. O primeiro registro do termo *troll* data de 1979 e suas primeiras ocorrências se deram na plataforma *Usenet*, criada naquele mesmo ano, nos Estados Unidos⁷. Mas seu uso e de seu correlato "*trollagem*" somente se tornariam frequentes no início da década de 2010. Desde então, aconteceu uma migração de boa parte dos *trolls* desse tipo de plataforma para as redes sociais como Twitter, Facebook e Tumblr, devido principalmente à ascensão da *alt-right* (abreviação do termo *alternative-right*, ou "direita-alternativa" em português) no contexto político ocidental, sobretudo na campanha de Donald Trump nas eleições presidenciais dos Estados Unidos, em 2016.

Dentre as várias práticas discursivas (Foucault, 2016) da direita alternativa, a *trollagem* se destaca como uma das mais marcantes. Mais do que isso: as extremas direitas mundiais desenvolveram efetivamente uma maestria na arte da *trollagem* e essa arte foi muito empregada e bastante bem-sucedida no Brasil contemporâneo. Reconhecemos o *modus operandi* dos *trolls* brasileiros, que, em boa medida, mas não integralmente, dadas as singularidades de nossa história e sociedade, reproduzem o comportamento de um típico *troll*. Nas redes sociais e nas plataformas da internet, um *troll* é:

[...] alguém que promove a discórdia *online*, provocando fortes reações emocionais nos leitores e, muitas vezes, mudando o assunto da conversa. A *trollagem* nem sempre tem um propósito político óbvio; um *troll* pode não estar procurando nada além de um momento de diversão niilista. A *trollagem* pode assumir a forma de insultos à aparência de alguém ou dar deliberadamente maus conselhos sobre um problema tecnológico, por exemplo. Mas a *Alt-Right* usa a *trollagem* com um propósito. Ao sair de *sites* especificamente voltados a um público radical de direita e participar de discussões em outros fóruns, como, por exemplo, nas seções de comentários dos principais locais de notícias, YouTube e, especialmente no Twitter, a *Alt-Right* é capaz de fazer circular amplamente sua mensagem. *Trolls* da Direita Alternativa ajudam a dispersar as visões do movimento muito além do que seria possível se o movimento só pudesse estar presente em suas próprias plataformas (Hawley, 2017, p. 19-20, tradução própria)⁸.

6 Para saber mais sobre a presença da *trollagem* na política brasileira, ver Nascimento (2022), Araujo do Nascimento e Braga (2022), dentre outros.

7 *Usenet* é uma rede distribuída, ou seja, uma rede que não é controlada por uma única fonte. Ela funciona com servidores de diferentes *hosts* se alimentando mutuamente, distribuindo e armazenando dados. Em tal rede, os usuários postam mensagens de texto em fóruns que são agrupados por assunto.

8 No original: "someone who fosters discord online, provoking strong emotional reactions from readers and often changing the topic of conversation. Trolling does not always have an obvious

Assim, a *trollagem* seria, primeiramente, uma prática discursiva que ataca a sensibilidade do interlocutor ou de uma terceira pessoa e que pode desviar o assunto em discussão. Com a produção dos efeitos de humor como objetivo e como escusa, o sujeito da *trollagem* se vale de meios agressivos empregados em sua conquista. Mas, além disso, a *trollagem*, tal como utilizada pela direita alternativa, é ainda uma prática discursiva que auxilia na disseminação de mensagens produzidas inicialmente no interior do movimento, lançando mão do humor para uma distribuição mais otimizada de “mensagens” de ódio.

O deslocamento da *trollagem* de seu ambiente usual para as mídias digitais populares acarreta algumas mudanças nessa prática. Alguns estudos sustentam haver dois perfis de *trolls* nas mídias sociais: os sociais e os políticos (Antunes, 2019). Os sociais são impulsionados pela busca do pertencimento ou da confiança pessoal. Os *trolls* políticos, por sua vez, atacam os argumentos dos opositores em seções de comentários ou mídias sociais, em *sites* de notícias e em plataformas, nas quais espalham seus posicionamentos. A *trollagem* política, além de ser uma prática de usuários comuns da *web*, tornou-se, principalmente a partir das eleições estadunidenses de 2016, uma prática regular entre políticos simpatizantes da direita alternativa, que utilizam suas estratégias discursivas, sem necessariamente serem membros do movimento. O ex-presidente Trump é um dos mais conhecidos praticantes da *trollagem*, que, além de compartilhar conteúdos produzidos por outros *trolls*, tais como memes e *tweets*, em suas redes sociais oficiais, produz seus próprios conteúdos, se valendo de várias estratégias discursivas para provocar o riso de seus partidários e atacar seus adversários políticos. Assim, aquilo que anteriormente se apresentava como uma forma de humor, ainda que questionável, acaba por assumir uma agenda política com a vertente extremista da direita. Por meio da adoção de uma política niilista e de desprezo a grupos e sujeitos sociais: “Os *trolls* contemporâneos acham a dor divertida e a utilizam como uma arma da qual obtêm diversão e poder às custas do bem-estar mental, físico ou emocional de outra pessoa” (Olson; Lapoe, 2017, p. 119, tradução própria)⁹.

De forma análoga, vários políticos brasileiros, principalmente, inscritos em posições conservadoras e reacionárias, seus porta-vozes e partidários também vêm utilizando

political purpose; a troll may be looking for nothing but a moment of nihilistic amusement. Trolling can take the form of insulting someone’s appearance or deliberately giving bad advice about a technological problem, for example. But the Alt-Right trolls for a purpose. By leaving sites specifically aimed at a radical right-wing audience and joining discussions at other message boards in, for example, the comment sections of major news venues, YouTube, and especially on Twitter, the Alt-Right is able to circulate its message widely. Alt-Right trolls help disperse the movement’s views far beyond what would be possible if the movement could only be found on its own platforms”.

9 No original: “Contemporary trolls find pain humorous and use it as a weapon from which they derive amusement and power at the expense of another person’s mental, physical, or emotional well-being”.

a trollagem para conquistar novos seguidores e para manter mobilizados os já conquistados, por meio de menosprezos e de insultos a seus adversários. Em certos casos, o humor está quase ausente ou apenas presente no restrito círculo de um grupo. Um dos mentores da extrema direita brasileira, recentemente falecido, Olavo de Carvalho, por exemplo, publicou em suas redes sociais a foto e o endereço do jornalista Denis Russo Burgierman. A *trollagem* foi a réplica de uma matéria publicada pelo jornalista sobre o “filósofo” na revista *Época*. Aqui, a *trollagem* se deu sob a forma de um *doxxing* (ação de revelar informações de identificação sobre alguém na internet). Casos como esse, em que o riso restrito mal disfarça a efetiva ameaça, mas projeta uma defesa diante de uma possível acusação de intimidação e de incitação à violência, comprovam o viés ideológico da *trollagem*, nos quais há imposição de ideais políticos, usados como pretexto para os ataques. O humor inflamatório é o de um agitador de grupo e seus efeitos podem provocar choques emocionais naqueles que lhe são exteriores e, por isso, perseguidos. Assim, a exploração da *trollagem*, no âmbito político brasileiro, mobiliza certas emoções preponderantes na esfera das sensibilidades das sociedades de massa, como a raiva, o ressentimento e o desprezo, que concorrem para consolidar e inflamar polarizações políticas. Com essas paixões negativas à flor da pele, os incentivos à disseminação do ódio se tornam cada vez mais frequentes e intensos.

A campanha eleitoral, a conquista da presidência brasileira por Jair Bolsonaro e seu governo compuseram uma grande vitória do “Partido dos Trolls”, conforme Avelar (2020). O êxito do bolsonarismo não apenas promoveu a ascensão e a popularização da extrema direita no país, como também fomentou a utilização da *trollagem* digital, usada incessantemente pela maioria dos membros de seu grupo ideológico nas redes sociais, sobretudo no WhatsApp. Essa *trollagem* bolsonarista tem uma série de regularidades retóricas:

[...] atuação reiterada nos mesmos veículos, registro extremamente agressivo contra o interlocutor ou o sujeito tematizado no discurso, desconsideração completa da diferença entre verdade factual, hipótese não fundamentada e pura invenção, modo hiperbólico do discurso, postulação permanente de algo oculto e adoção de uma ambiguidade acerca da seriedade ou não do enunciado e da crença ou descrença do sujeito enunciadador nele (Avelar, 2021, p. 256).

Um dos aspectos apontados pelo autor é fundamental para entendermos o uso da trollagem como estratégia discursiva com fins políticos: a incerteza sobre a veracidade das informações objetiva sustentar uma refutação *prêt-à-porter*, caso o enunciado seja desmentido ou questionado, e seu uso com graça e riso contribui para a atração e a conservação da atenção dos usuários na dinâmica muito efêmera das redes sociais. Desse modo, o *troll* pode se valer de “registro extremamente agressivo”, atenuando-o com o humor, e pode operar num jogo discursivo em que verdade e mentira se amalgamam e se confundem no interior da ordem discursiva digital. Esse contexto de proliferação

de enunciados que fogem ao escopo das instâncias e dos mecanismos de apuração da veracidade dos discursos se entrecruza com a luta pelo domínio da “verdade” fomentada pela guerra cultural. A extrema direita constrói uma visão bélica do mundo, no interior da qual estaríamos em meio a uma “guerra cultural”. Conforme Rocha (2021, p. 113), essa guerra “implica um entendimento fundamentalista do mundo, cujo corolário é a eliminação pura e simples de tudo que seja diverso”. É a partir dessa concepção agônica de disputa cultural, em que não há espaço para o diálogo democrático, que o estratagema discursivo bolsonarista conquistou espaço no contexto político brasileiro. Assim, a trollagem deixou de ser uma “brincadeira” de alguns *trolls* da *web* e passou a ser uma estratégia de proliferação de discursos de ódio por parte de membros do núcleo ideológico da extrema direita brasileira.

A trollagem no pronunciamento de Nikolas Ferreira

As continuidades e descontinuidades que perpassam a arqueologia da fala pública estão diretamente ligadas às relações de poder intrínsecas ao discurso político. Courtine e Piovezani (2015) afirmam que, a despeito de não ser uma característica exclusiva do discurso político, a fala pública é um componente essencial deste e seu objetivo relativamente manifesto compreende a preservação ou a conquista da adesão ideológica. Em virtude da inerência entre fala pública e política, os modos de os oradores dirigirem-se ao seu público mudam no tempo e no espaço, de acordo com as modificações dos regimes de governo, os padrões sócio-históricos de uma determinada cultura, os dispositivos tecnológicos e as condições subjetivas.

O trajeto da análise do discurso acompanha essa mutação dos modos de dizer da fala pública no discurso político. Ao empreender uma análise acerca das metamorfoses do discurso político, Courtine (2006) aponta que as mídias modernas propiciaram o desenvolvimento de personalização da esfera pública. Esse processo é responsável pelo encolhimento da retórica e das prescrições gramaticais e sua permuta por uma linguagem mais familiar, dialogada e pessoal que melhor se adéqua à emergência das classes médias e suas respectivas reivindicações políticas e comerciais, características de uma sociedade de massa.

Contemporaneamente, a incorporação dos sujeitos políticos no mundo volátil das redes sociais vem inserindo ainda mais componentes de mudança a esse discurso político que até pouco tempo parecia impermeável. O uso recorrente de artifícios humorísticos em falas públicas é uma das consequências dessa mutação. Considerando esse contexto, a fim de ilustrar o nosso procedimento metodológico, efetuamos um breve exercício analítico a partir de trechos da fala pública do deputado federal Nikolas Ferreira, proferida no dia 8 de março de 2023, Dia Internacional da Mulher, na tribuna da Câmara dos Deputados. O discurso completo possui, em média, dois minutos e cinquenta e quatro segundos. No entanto, para a nossa análise, optamos pelo recorte de alguns trechos do primeiro momento da fala do deputado, período em que ele utiliza uma peruca loira durante a

sua fala, atribuindo um tom caricatural, sarcástico e humorístico ao seu discurso. Eis os trechos:

Boa tarde a todos! Hoje, o Dia Internacional das Mulheres, a esquerda disse que eu não poderia falar porque eu não estava no meu local de fala, então eu solucionei esse problema aqui ó. Hoje eu me sinto mulher, deputada Nicole. E eu tenho algo muito interessante aqui pra poder falar: as mulheres estão perdendo seu espaço para homens que se sentem mulheres. E para vocês terem ideia do perigo de tudo isso, vocês podem perguntar: qual o perigo disso, deputada Nicole? Sabe por quê? Porque eles estão querendo colocar uma imposição de uma realidade que não é a realidade [...]. A Apple hoje está homenageando no Dia das Mulheres um homem que se sente uma mulher, um ativista da obesidade. A Hershey's também colocou um homem que se sente mulher na propaganda. Vou tirar a peruca, porque sou gênero fluido, e volto para o Nikolas homem (OCP News, 2023)¹⁰.

Nikolas Ferreira (PL-MG) foi o candidato à deputado federal mais votado no pleito de 2022. Atualmente, ele é um dos mais conhecidos e atuantes políticos da extrema direita brasileira. A fala acima é apenas um exemplo de uma série de discursos de ódio proferidos pelo deputado contra a comunidade LGBTQIA+ (Folha de Pernambuco, 2023) e de uma escalada de ataques recentes, de diversas ordens, à população trans por parte de representantes da extrema direita ao redor do mundo (Amery; Mondon, 2023). A retórica transfóbica do deputado está inserida em uma série discursiva que é responsável pela produção de um atroz encadeamento entre preconceitos e violências, entre palavras e ações de ódio, de modo bastante similar ao que Piovezani (2023) indica em sua reflexão sobre a retórica homofóbica. O deputado constrói um efeito de verdade da denúncia ao longo de todo o seu discurso, haja vista que inicia a sua fala apontando para uma suposta proibição de deputados opositores a respeito do seu pronunciamento. O uso da construção enunciativa sob a forma da terceira pessoa do singular, isto é, de uma delocução, “a esquerda disse”, concorre tanto para a generalização de todos os seus opositores políticos no interior de uma mesma ideologia quanto para o distanciamento do enunciador daquilo que ele mesmo está enunciando. O efeito veridictório da sua denúncia se apresenta também através de exemplificações de empresas que promoveram homenagens a “homens que se sentem mulheres”, como “a Apple” e “a Hershey’s”. Tal construção produz o efeito de uma denúncia factual, além de reproduzir o discurso do confronto, do “nós contra eles”, disseminado recorrentemente por representantes da extrema direita brasileira. Além disso, o cumprimento não inclusivo, no início de sua fala “Boa tarde a todos!”, já é indício da posição discursiva do deputado, assim como o desconhecimento da expressão “lugar de fala” e sua substituição por “local de fala”.

10 Trechos veiculados em: *Veja o discurso de Nikolas Ferreira no Dia Internacional da Mulher*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ZePHDgwfPMI>. Acesso em: 02 jul. 2023.

A produção do efeito de humor da *trollagem* é concentrada, mais especificamente, a partir do momento em que o deputado coloca a peruca e profere as seguintes palavras: “E eu tenho algo muito interessante aqui pra poder falar: as mulheres estão perdendo seu espaço para homens que se sentem mulheres. E para vocês terem ideia do perigo de tudo isso, vocês podem perguntar: qual o perigo disso, deputada Nicole? Sabe por quê? Porque eles estão querendo colocar uma imposição de uma realidade que não é a realidade [...]. A Apple hoje está homenageando no Dia das Mulheres um homem que se sente uma mulher, um ativista da obesidade. A Hershey’s também colocou um homem que se sente uma mulher na propaganda”. Há, neste trecho, um efeito de superestimação manifesta de si, para contrastar a seriedade do que se denuncia a partir daí com o riso provocado pela peruca e pela *performance* inicial. O trecho final do discurso enunciado “Vou tirar a peruca, porque sou gênero fluido, e volto para o Nikolas homem” também concentra o efeito de humor, haja vista a sátira que o enunciador faz da expressão oriunda do discurso adversário. O discurso inicial produz uma espécie de moldura discursiva para o discurso final, construindo, assim, um aspecto fundamental da relação entre humor e discurso de ódio.

O que se diz e a maneira de dizer materializam as ideologias dos grupos e classes de uma sociedade. Como apontamos na nossa seção destinada à fundamentação teórico-metodológica, o discurso, para Foucault, possui como uma das suas características a raridade. Essa marca discursiva aponta para a dimensão histórica e social que constitui o conteúdo e modo enunciativo de um dado enunciador. Assim, ao se referir às mulheres transexuais, o deputado Nikolas Ferreira optou pela formulação “homens que se sentem mulheres”. Ele poderia ter optado por estas ou outras construções análogas: “mulheres trans”, “mulheres transexuais” ou, até mesmo, apenas “mulheres”.

A escolha regular, ao longo de todo o discurso, pelo uso da oração subordinada adjetiva restritiva apontada acima, cujo sentido aponta para a restrição ou delimitação do significado do termo que vem antes dela¹¹, ou seja, o enunciador não está se referindo a qualquer homem, mas apenas às mulheres trans, nos seus termos, “homens que se sentem mulheres”, concorre para o assentamento de um já-dito relacionado a uma rede de dizeres que o precedem. Essa rede de discursos transfóbicos possui uma espessura histórica que remonta a ideologias oriundas de regimes totalitários fascistas. Chapoutot (2013) elenca algumas razões do ódio nazista aos homossexuais, dentre elas estão uma tradição de discriminação pautada em religiões e culturas ocidentais, além de preconceitos e rejeições do período vitoriano e ainda o argumento da diminuição da natalidade nacional. Sendo uma das características da virilidade fascista o acasalamento frequente com o objetivo de conceder filhos à pátria, à raça e ao Führer, o homossexual

11 Sobre o uso das orações subordinadas adjetivas restritivas, Câmara (2016) afirma que a Gramática Discursivo-Funcional descreve as orações subordinadas adjetivas restritivas no nível semântico. Por conta disso, essas orações objetivam conduzir o leitor a identificar um referente dentro de um conjunto de referentes possíveis.

é considerado pelo regime como um ser “anormal”, haja vista sua desobediência relativamente à determinação da procriação (Chapoutot, 2013). É assim que, através de uma mobilização orquestrada por instituições de poder, como o Estado e a Igreja, e em prol de uma recuperação moral perdida na Primeira Guerra Mundial, no interior do movimento fascista, a heterossexualidade exclui qualquer sujeito que esteja fora da ordem hegemônica normativa.

A materialização de um discurso e a produção de seus sentidos ocorre, dentre outros fatores, pela seleção e combinação das unidades linguísticas que constituem os enunciados. Na formulação “homens que se sentem mulheres”, a ausência de um artigo ou de outro determinante que pudesse anteceder “homens” gera um efeito de generalização: não são apenas alguns, mas todos os homens que se sentem dessa maneira que produzem efeitos negativos para as mulheres cis. O efeito de generalização também está materializado na construção “as mulheres estão perdendo seu espaço”: de maneira análoga ao sentido anterior, não são apenas algumas mulheres, mas todas as mulheres estão sendo prejudicadas por “homens que se sentem mulheres”. Além disso, há um jogo argumentativo entre generalização e particularidade no seguinte trecho “Porque eles estão querendo colocar uma imposição de uma realidade que não é a realidade”. O enunciador, como forma de não se comprometer com a acusação direta e particular a algo ou a alguém, utiliza a terceira pessoa do plural “eles” para referir-se a um suposto grupo que está prejudicando as mulheres cis. Outro ponto desse jogo argumentativo é o uso de dois termos com sentidos opostos “uma” e “a” seguidos do substantivo “realidade”. Ou seja, há a tentativa da imposição de uma desconhecida realidade paralela, contrária aos princípios morais conservadores, em detrimento da realidade vigente, condizente aos valores morais que devem ser seguidos pela população.

Finalmente, a seleção do verbo “sentir”, que possui como um de seus significados “ter a sensação de; perceber por meio de sentidos”, constrói um efeito transitório, fugaz e irracional à transexualidade. Pêcheux (2011, p. 73) aponta que “as palavras mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva para outra”. Desse modo, o uso do verbo “sentir” nessa formulação, proferido por um enunciador inserido em uma FD de extrema direita, concorre para um efeito que contradiz estudos científicos sobre pessoas transexuais/transgêneros. As escolhas lexicais do deputado formulam um efeito veridictório no qual gêneros e/ou sexualidades que não se inserem do eixo normativo hétero e cis são escolhas subjetivas, efêmeras, imorais, irracionais e, acima de tudo, perigosas. Essa concepção heteronormativa está enraizada na sociedade brasileira. Schwarcz (2019, p. 206) assevera a importância de conhecer o passado para compreender o presente, tendo em vista que, historicamente, “quanto mais autoritários são os regimes políticos, maiores são as tendências para que se intensifiquem tentativas de controle das sexualidades, dos corpos e da própria diversidade”. Percebemos, assim, a irrupção contemporânea de uma hegemonia discursiva transfóbica difundida no período da Ditadura Militar brasileira, em que houve perseguição, censura, detenções arbitrárias, dentre outras medidas autoritárias, pautadas em um aparelho de controle moral, contra

determinados comportamentos sexuais considerados “desviantes”, “perversos” e “anormais”.

Outro ponto de análise relevante é a recorrência de termos com carga disfórica ao longo do pronunciamento: “perdendo”, “perigo” e “imposição”. Mais do que a produção de um sentido negativo à situação em que o enunciador se refere, tais palavras materializam, como apontamos brevemente no começo da nossa análise, o estado de guerra cultural contra minorias sociais e opositores políticos que fomenta parte dos discursos da extrema direita brasileira. Conforme Rocha (2021, p. 113), “guerra cultural implica um entendimento fundamentalista do mundo, cujo corolário é a eliminação pura e simples de tudo que seja diverso”. É a partir dessa concepção agônica de disputa cultural que o enunciador se coloca como um homem viril corajoso, a partir de formulações na primeira pessoa do singular como “eu solucionei esse problema” e “eu tenho algo muito interessante aqui pra poder falar”, ou seja, aquele que vai denunciar os perigos da conquista de direitos por parte da população trans.

O discurso bélico e transfóbico do deputado é camuflado pelo seu tom caricatural, humorístico e de deboche, em virtude do uso de uma peruca loira pelo enunciador durante o seu pronunciamento. O efeito do contraste ao que é esperado em um determinado meio de circulação provoca o humor, o riso. O uso de uma peruca por parte de um deputado federal, em um contexto enunciativo de fala pública na Câmara Federal, rompe com a histórica austeridade da fala pública por sujeitos políticos. Os risos, ao fundo, dos aliados ao deputado, validam o seu tom de deboche. Mais do que isso: o enunciador se vale de uma *trollagem* para destilar discurso de ódio contra a comunidade LGBTQIA+, visto que o uso da *trollagem* possibilita a construção de uma incerteza sobre a veracidade das palavras proferidas, caso o enunciado seja desmentido ou questionado, e seu uso com graça e riso contribui para a atração e conservação de aliados (Avelar, 2021). O efeito de deboche também é materializado no começo e no final do discurso do deputado, mais especificamente nos seguintes trechos “Hoje eu me sinto mulher, deputada Nicole” e “Vou tirar a peruca, porque sou gênero fluido, e volto para o Nikolas homem”. O enunciador constrói uma relação de equivalência entre os atos de colocar uma peruca, intitular-se mulher e ser uma mulher transgênero, assim como um ato ilocucionário que realiza uma ação ao ser dito, a exemplo da declaração “eu vos declaro marido e mulher”. Trata-se de um discurso que circunda os afetos envolvidos na *trollagem*, tais como a graça e a satisfação de quem “trolla” e o desconforto e/ou humilhação de quem é “trollado”, como produções históricas, sociais e coletivas e não como algo pessoal e circunscrito a situações pontuais.

A proliferação de enunciados pretensamente humorísticos, como o analisado ao longo dessa seção, cujos conteúdos são eivados de discurso de ódio contra minorias sociais, foi possibilitado por um cenário de polarização política que favoreceu a popularização de enunciados injuriosos, que até então eram mais compartilhados no submundo digital dos

trolls da extrema direita, mas ganharam notoriedade e adeptos no *mainstream* político. Desse modo, o discurso de ódio contra a comunidade LGBTQIA+, presente na fala do deputado, reatualizam algumas das características do “fascismo eterno” ou “Ur-Fascismo”, descritas por Eco (2019). São elas: “O Ur-Fascismo provém da frustração individual ou social” (2019, p. 50); “Como tanto a guerra permanente quanto o heroísmo são difíceis de jogar, o Ur-Fascista transfere sua vontade de poder para questões sexuais” (2019, p. 54). Há, no enunciado acima que materializa a trollagem, um efeito de confluência entre as duas características, haja vista que do mesmo modo que o discurso fascista histórico seduziu fortemente as classes médias frustradas, contemporaneamente a pauta de costumes da extrema direita brasileira conquistou sujeitos ressentidos com a conquista recente de direitos pelas minorias sociais. Concomitante a isso, a origem do machismo inerente ao fascismo, segundo Eco (2019), vai desde o desdém pelas mulheres até a condenação intolerante de práticas sexuais não conformistas.

Assim, a análise acima demonstra que há uma mutação discursiva em relação aos modos de dizer, uma vez que o discurso de ódio contemporâneo se adapta ao uso de estratégias humorísticas regulares no ambiente digital, no entanto, há a manutenção do que se diz e dos respectivos efeitos gerados para esses sujeitos, o que reafirma a tese de um fascismo eterno de Eco (2019). Devemos, então, ficar atentos aos novos sentidos dessa ideologia histórica, pois “O Ur-Fascismo ainda está ao nosso redor, às vezes em trajes civis” (Eco, 2019, p. 60).

Considerações finais

Neste artigo, apresentamos desenvolvimentos preliminares de nossa pesquisa de doutorado, cuja proposta é a de analisar o funcionamento da *trollagem* no discurso político brasileiro, focalizando particularmente seus usos na extrema direita, durante e após as campanhas presidenciais de 2018 e de 2022 a fim de identificar, descrever, categorizar e interpretar as principais propriedades da *trollagem*, a produção de seus efeitos, a materialização de seus afetos e as possíveis mutações discursivas que ela promove em modos de dizer do discurso de ódio no campo político. Inicialmente, apresentamos de maneira concisa alguns resultados que já alcançamos sobre o tema em pesquisa anterior e ainda algumas discussões sobre a ascensão da extrema direita no cenário político brasileiro contemporâneo e seus usos dos efeitos de humor na materialização de discursos de ódio, particularmente por meio do emprego da *trollagem*. Tecemos, também, algumas considerações de ordem teórica e metodológica sobre a fundamentação de nossas reflexões e análises. Finalmente, analisamos um pronunciamento realizado pelo deputado federal Nikolas Ferreira. Dentre alguns outros resultados obtidos em nossa análise, apontamos que a ascensão da trollagem da *deep web* para a linguagem política delata o quanto esta prática discursiva vem produzindo mutações no discurso político brasileiro e o quanto essa estratégia discursiva é essencial para a constituição estética da extrema direita, principalmente em relação ao uso do discurso de ódio produzido sob o véu da pretensa inocuidade humorística. Além disso, a nossa análise do pronunciamento

realizado pelo deputado federal Nikolas Ferreira indica que o discurso inicial do deputado produz uma espécie de moldura discursiva para o discurso final, construindo, assim, um aspecto fundamental da relação entre humor e discurso de ódio. Constatamos, também, um efeito de superestimação manifesta de si, para contrastar a seriedade do que se denuncia com o riso provocado pela peruca e pela *performance* inicial do enunciador. Trata-se de uma estratégia discursiva que opera com o intuito de ridicularizar o inimigo político e de perseguir sujeitos já historicamente marginalizados, como a comunidade LGBTQIA+, de modo que seu enfrentamento é dever incontornável do compromisso democrático.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP [Processo nº 2023/03218-9] pelo financiamento desta pesquisa.

Referências

AMERY, F.; MONDON, A. How Transphobic Moral Panics Fuel Authoritarian Politics. *Jacobin*. United Kingdom, 03 mar. 2023. Politics/LGBT.

ANTUNES, B. *A polarização política nas mídias sociais: o filtro bolha e a disseminação da cultura troll*. 2019. Tese (Doutorado) – Universidade Metodista de São Paulo, São Paulo, 2019.

AVELAR, I. O bolsonarismo e o Partido dos Trolls. *Cult*. São Paulo, 03 jun. 2020.

AVELAR, I. *Eles em nós: retórica e antagonismo político no Brasil do século XXI*. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021.

ARAUJO DO NASCIMENTO, M.; BRAGA, A. O acontecimento da trollagem na ordem do discurso político brasileiro: limites entre o humor e o discurso de ódio. *Revista da Anpoll*, v. 53, n. 2, p. 194-210, 2022. DOI: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v53i2.1718>.

CÂMARA, A. A oração subordinada adjetiva na produção de sentidos no texto: a perspectiva dos livros didáticos de língua portuguesa do Ensino Médio. *Filologia e Linguística Portuguesa*, v. 18, n. 2, p. 319-355, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v18i2p319-355>. Acesso em: 10 ago. 2021

CHAPOUTOT, J. Virilidade fascista. In: COURTINE, J. et al. (org.). *História da virilidade. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 335-363.

CHIARI, G. *Da abertura política às eleições de 2018: um estudo sobre as metamorfoses da agressividade no discurso político brasileiro*. 2021. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2021.

COURTINE, J. *Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública*. Tradução Nilton Milanez e Carlos Piovezani Filho. São Carlos: Claraluz, 2006.

COURTINE, J.; PIOVEZANI, C. *História da fala pública: uma arqueologia dos poderes do discurso*. Petrópolis: Vozes, 2015.

ECO, U. *O fascismo eterno*. 5. ed. Rio de Janeiro: Record, 2019.

FOLHA DE PERNAMBUCO. Nikolas Ferreira é alvo de mais uma representação por falas homofóbicas; entenda. *Folha de Pernambuco*. Pernambuco, 14 jun. 2023

FOUCAULT, M. Resposta a uma questão. In: FOUCAULT, M. *Repensar a política*. Coleção ditos e escritos VI. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. p. 1-24.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

GEORGALIDOU, M. "Stop caressing the ears of the hooded": Political humour in times of conflict. In: TSAKONA, V.; POPA, D. (org.). *Studies in political humour: in between political critique and publike entertainment*. Amsterdam: John Benjamins B.V, 2011. p. 83-107.

HAWLEY, G. *Making sense of the alt-right*. Columbia: Columbia University Press, 2017.

LAMERICHS, N. et al. Elite male bodies: the circulation of Alt-Right memes and the framing of politicians on social media. *Participations*, v. 15, n. 1, p. 180-206, 2018. Disponível em: <https://participations.org/Volume%2015/Issue%201/11.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2023.

NASCIMENTO, M. *O acontecimento da trollagem na ordem do discurso político brasileiro: limites entre o humor e o discurso de ódio*. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/23528?locale=pt_BR. Acesso em: 10 jul. 2023.

OLSON, C.; LAPOE, V. "Feminazis", "libtards", "snowflakes" and "racists": trolling and the spiral of silence impact on women, LGBTQIA communities, and disability populations before and after the 2016 election. *Journal of Public Interest Communications*, v. 1, issue 2, 2017.

ORLANDI, E. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. Campinas: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, M. Língua, Linguagens, Discurso. *In: Legados de Michel Pêcheux*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 63-75.

PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. *Os discursos e as emoções: ódio, medo, vergonha e outros afetos*. São Paulo: Parábola, 2023. (no prelo).

PIOVEZANI, C. A polêmica como pretexto: elementos da retórica homofóbica. *In: ZANDWAIS, A. (org.). A polêmica: discurso e argumentação*. Campinas: Mercado de Letras, 2023. (no prelo).

POSSENTI, S. Estudos Linguísticos, humor, política e ensino de Língua. *Revista Heterotópica*, v. 2, n. 1, p. 51-60, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/HTP-v2n1-2020-55561>. Acesso em: 13 jul. 2023.

ROCHA, J. *Guerra Cultural e Retórica do Ódio: crônicas de um Brasil Pós-político*. 1. ed. São Paulo: Editora e Livraria Caminhos, 2021.

SANTOS, F.; TANSCHKEIT, T. Quando velhos atores saem de cena: a ascensão da nova direita política no Brasil. *Colombia Internacional*, n. 99, p. 151-186, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.7440/colombiaint99.2019.06>. Acesso em: 12 jul. 2023.

SARGENTINI, V. Discurso político e redes sociais. *Revista da ABRALIN*, v. 14, n. 2, p. 215-232, jul./dez. 2015. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1264>. Acesso em: 11 jul. 2023.

SCHWARCZ, L. *Sobre o autoritarismo brasileiro*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2019.

SOUZA, A. *Limites do humor: o funcionamento discursivo da polêmica*. 2017. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.